ANO 7.º — Sexta-feira, 17 de Abril de 1914 — NUMERO 318

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Semana de boatos

Absolutamente fertil de boatos, a ultima semana, que apesar de desmentidos dia a dia, persistem contudo e se multiplicam, ainda que qual deles o mais fantastico e inverosimil.

Desde a estada de Azevedo Coutinho, no Alemtejo, e Paiva Couceiro, em Amarante, mitigando a sede da jornada com alguns copos do *verde* espumoso da região; á iminencia duma nova incursão pela fronteira da Galiza, como agradecimento pela ultima amnistia; Egas Moniz *tornando a tornar* ao árido campo dos adeptos dos... adeantamentos; revoluções reaccionarias no Porto e em Lisboa sob a direcção suprema de Vasconcelos Porto, que, por bom sinal, *tem as cousas muitissimo bem preparadas*—dizem os alviçareiros—tudo isto tem, numa sucessão aterradora, corrido os quatro cantos do país abananando os espiritos dos fracos e dos que, como os peores dos cégos, não querem vêr a luz radiante da verdade inconfundivel dos factos que tão intensamente ilumina a situação.

Como noutra parte se diz, ha entre os poucos que ainda sonham com a vinda dum moderno D. Sebastião, profunda e irredutivel divergencia na escolha do *salvador* que de novo possa empunhar a corôa e o sectro, ainda mal cheirosos pelas consequencias do susto que apanhou D. Manuel, seu ultimo proprietario, naquela memoravel madrugada em que o troar da artilharia o acordou, arrancando-o ás deliciosas reminiscencias das belas manhãs passadas no Bussaco, onde ouvia o *ruge do vestido* e *os vaporosos passos* da estonteante Gabi...

Uns querem um rei italiano; outros um inglez e ainda os terceiros um português, autentico representante da força e do cacete, capaz de transformar a *Nação* em orgão do govêrno, pedindo, sem demora, a creação do logar dum verdugo com coragem para fazer entrar na ordem *a demagogia desenfreada, que tem, como seu unico sustentaculo e das instituições, a formiga branca!*...

Para quem quer que seja que se não apavore com os boatos da restauração, já agora lendaria, da realeza em Portugal, vê logo que a *coisa* deitará para muito longe, atentas as dificuldades, neste momento insuperaveis, da escolha de juiz para taes irmãos.

Poderão, todavía, chegar a um acordo, assentando, por exemplo, em que venha o italiano? Póde ser, mas o que por cérto falta será convencer o escolhido a meter-se na complicada arriosca de caír em se apresentar como candidato a inquilino do Paço das Necessidades... Isto, como se diz na famosa zarzuela—*El-rei que rabio—póde ser que sim*, mas por outro lado, *póde ser que não*...

E o *outro lado* é a vontade da nação, factor com que essa gente finge não contar. E' a vontade da nação que imediatamente se manifestaria na rua, nas cidades, como no campo, em todos os pontos onde lhe fosse permitido reagir para não deixar vingar o regimen infame que levou o país á mais vergonhosa e deprimente situação em que a Republica o encontrou.

O principio monarquico á face da justiça e do seculo presente não tem hoje argumentos a seu favor. Quereriamos acreditar que a quasi totalidade dos monarquicos ou daqueles que assim se declaram poderiam ter um argumento em que assentam as suas apregoadas convicções:—o patriotismo pelo menos. Mas esse argumento cae e fenece porque bem sabem eles que deante duma tentativa séria rebentaria em cinco minutos uma fratricida e horrorosa guerra civil.

Os republicanos não pódem permitir a possibilidade, sequer, do regresso dum regimen que foi a crapula na administração publica, a corrupção no sistêma politico, a cobardia, o assalto, chegando algumas vezes até á traição na nossa vida internacional, estabelecendo a bancarrota nas finanças do Estado. E não o poderiam permitir os republicanos porque eles e tantos quantos quizérem lizamente vêr a verdade, de sobejo conhecem que a Republica tem sido por essencia e por excelencia em tudo oporta á sintese... que morreu.

Não se sabendo, ainda que vencidas todas as dificuldades para a escolha do *reinante*, porque alguem ainda se diz monarquico por não ser possivel encontrar onde se filiem taes convicções, concluimos que apenas nutrem os defensores do velho regimen a vontade do seu resurgimento porque, com ele, para eles voltaria a politica mercenaria, os interesses materiaes criminosos, os emprestimos, os sindicatos, as negociatas escuras e os... adeantamentos.

Ora isso é que não póde ser.

E não póde ser porque o país não quer e quem diz o país diz os que trabalham, os que se dignificam na luta incessante pelo engrandecimento desta Patria, que só serviu longos anos para a riqueza criminosa dos que por cima de tudo passavam em proveito proprio esquecendo Honra, Trabalhar, Dever!

E o país não quer, repetimos, ainda que, de facto, Azevedo Coutinho estivésse no Alemtejo, Paiva Couceiro em Amarante ou mesmo ambos... abaixo de Braga...

Grandes verdades

Na *Alma Academica*, orgão da academia de Coimbra, vinha ha dias publicado um excelente artigo de que destacâmos esta parte:

. . . .

«A reacção teria já desarmado e os monarquicos ter-se-iam conformado com a sua situação de vencidos se alguns republicanos, desvairados por ambições e odios, não os houvéssem encorajado na sua obra refalsada e pérfida. Ha republicanos que teem prejudicado mais a Republica do que todas as conjuras e todas as traições dos monarquicos.»

Sim senhor, é uma afirmativa absolutamente verdadeira. *Ha republicanos que teem prejudicado mais a Republica do que todas as conjuras e todas as traições dos monarquicos*, diz muitissimo bem a *Alma Academica*. Por isso o numero dos retraídos cada vez é maior a contrastar com os *videirissimos videiros* que se riem a bom rir, de papo cheio, quando lhes falam em dedicação patriotica ou convicções democraticas...

Porque taes coisas nem sequer sabem o que são.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

A alma da Igreja

O artigo que vai lêr-se é do sr. Antonio José de Almeida e foi publicado em Agosto de 1910 na *Alma Nacional*, de que era director. Como os seus correligionarios de Aveiro talvez o desconheçam, aqui o transcrevemos para por ele avaliarem a coerencia do caudilho evolucionista.

«Dizem alguns que a alma é invisivel, outros que é simplesmente imponderavel e muitos que éla é não só imponderavel e invisivel, mas que nem mesmo existe. São principios erroneos, modos de vêr superficiaes, porque a alma não só existe, como é tambem visivel e palpavel, susceptivel de medir-se e de pezar-se, capaz de nos seguir ou de fugir de nós.

A alma da egreja, por exemplo. E' tão palpavel, tão visivel, passa-nos tanto á vista, chega-nos tanto á mão, que eu proprio, mais sou miope, não tenho a menor dificuldade em a agarrar pelos cabelos, quando éla passa á minha porta ou nos jornaes que estou a lêr.

Porque éla até pelos jornaes transita. Agora, por exemplo, foi lá que eu a agarrei.

E se não vejam o que, a proposito da reunião dos padres de Lisboa, escreve o seu orgão oficioso, o *Portugal*:

«O sr. dr. Elviro dos Santos, prior de Santa Engracia e presidente da *Liga do Clero Paroquial* diz: *Nós não podemos protestar, porque é uma rebelião. Contra o que devemos protestar é contra a Misericordia que concede subsidios a creanças não batisadas.*

«O reverendo dr. Santos Farinha, com toda a firmeza e calor, pede a palavra. Declara que o sr. conselheiro Pereira de Miranda, caracter respeitabilissimo, lhe declara que nunca autorisou subsidio de latação a creanças não batisadas.»

Como veem, aqui ha uma alma. Alma sensivel e palpavel, alma que fala e gesticula, alma que ruge e que ameaça.

Alma que beija? Não: alma que morde.

Alma que cura? Não: almas assim não curam, envenenam.

São almas feitas de baixeza e perversão, com o zelo feroz de Torquemada e o seu riso bestial de Lacenaire.

Almas cruentas, sanguinarias, com instintos de hiena e dentes de jaguar.

Almas perversas, monstruosas, para quem a dôr e o sentimento humano são coisas que não fazem sentido.

Almas que mordem com o dente da vibora, almas que rasgam com a garra do tigre.

Em todo o caso almas.

Almas reaes, autenticas, completas.

Completas e perfeitas. Mas completas e perfeitas em odios.

Odio tão fundo e tão cruento que chega mesmo ao ponto de cair sobre os recem-nascidos que não acharam leite nas suas mães.

. . . .

Ha quem fale no zelo barbaro do general Cortez, quando na conquista do Mexico imulou, ao deus da sua egreja, alguns milhões de naturaes.

Muitos lembram tambem a ferocidade de S. Domingos, ordenando o exterminio dos albigenses, sem respeitar a edade nem o sexo, erguendo os fétos palpitantes, que arrancavam aos ventres, com as pontas das lanças.

Por outro lado a Inquisição é a cada momento evocada com odio e com horror, constatando-se que por ela muitos milhares de cabeças inocentes caíram nos patibulos, ardendo muitos corpos em fogueiras, que se apagavam apenas para de novo serem ateadas, a fim de rechinarem outros corpos.

Mas porventura é mais barbara a alma de Cortez, mandando chacinar os mexicanos, do que a dos padres de Lisboa, horrorisados ante a ideia de que a Mizericordia tivésse concedido ou possa vir ainda a conceder alguns copos de leite a creancinhas sem batismo?

S. Domingos foi por ventura mais cruel, mandando degolar os inocentes e esventrar as mães gravidas, que o reverendo Elviro dos Santos, pedindo em altos gritos que se ponha tudo de parte, que se esqueça toda a politica, o Alpoim, o Teixeira de Souza, o Canalejas, para se protestar unicamente contra a misericordia exercida em pobres inocentes, a quem não foi dado o sal e a agua batismal?

Tiveram os inquisidores um coração mais duro que o desse padre que defendeu um conselheiro da suspeita, que sobre ele racaía, de ter, por caridade, ministrado alimento aos filhos da miseria?

Ah! eu bem sei que nós não devemos nunca exigir nem esperar humanidade em creaturas dessas, sujeitas á tutela de Roma, na ilusão torpe de uma seita, que só pensa em tirar o coração áquelas que o teem.

Não devemos contar nunca com o seu altruismo, com o seu amor ou com a sua caridade.

Contar sim com o seu odio e a sua usura. Contar sim com o seu sentimento pervertido, os seus intuitos depravados, mas nunca com o seu carinho, nunca com o seu amor, esse amor que redime e santifica as almas.

O padre é, geralmente, um sêr sem coração e sem vontade propria.

Tudo o que diz, tudo o que faz, tudo o que sente, é-lhe imposto de Roma, para que execute sem uma hesitação nem um remorso.

Assim, como esperar humanidade, como exigir amor a quem obedece, não ao seu sentimento, não ao seu coração, mas ao mandato sêco de uma regra infernal, escrita ha seculos por um scelerado hespanhol e agora atualisada por outro scelerado catolico egualmente hespanhol?

. . . .

E querem estes padres que nós os não hostilisemos? Querem eles que a Republica se cale e seja cumplice não declarando desde já que o seu govêrno ha-de ser popular e cordeal e, portanto, **de franca, de aberta hostilidade para a egreja!**...

Ah! tem que ser assim mesmo.

Porque o nosso dever, primeiro e ultimo, é combater o embuste, é desfazer o erro, é perseguir a seita, aniquilando os monstros que a alimentam.

Tanto mais que nós fazendo assim, defendemos o lar e o coração, a liberdade colectiva e a justiça comum.

E não nos iludamos; é preciso vêr bem e combater de perto tudo o que a egreja tem desde o seu paroco ao "seu deus„, desde o batismo á confissão, desde as imagens aos misterios; porque nada disso é Deus, mas sim um puro engano de alma, uma ilusão do crente e um embuste de Roma.

Convem, dizem alguns, os timoratos, não maguar o povo atacando-lhe as crenças.

Ai de nós, ai das sociedades de hoje, se os nossos antepassados assim pensassem todos! Estariamos ainda em plena edade media, ardendo com Giordano Bruno e João Huss, nas fogueiras da *Santa Inquisição*. Que o povo sofra pois a desilusão das crenças, que é o mesmo que dizer-se:—a operação da catarata. Não sofre ele, porventura, quando lhe furam um tomor ou arrancam um dente cariado?»

Associação Comercial e Industrial de Aveiro

Esta corporação, sempre prompta a defender não só os interesses dos seus associados como os de todos os comerciantes em geral, acaba de solicitar da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses a redução das tarifas do ramal de S. Roque, e bem assim de pedir, secundando os esforços duma grande comissão conimbricense, formada por delegados da Câmara, da Associação Comercial e da Sociedade Propaganda de Coimbra, o estabelecimento dum comboio *tramway* entre aquela cidade e Aveiro.

Interessou-se ainda junto da Agencia do Banco de Portugal em Aveiro por que, quando não seja possivel suspender por completo a recusa de moedas de prata, nikel e cobre defeituosas, ao menos que se não leve o cumprimento de tal determinação superior ao extremo de regeitar moedas que, embora com qualquer leve defeito, não sejam falsas.

São grandes os inconvenientes que esta medida acarreta ao comercio, e, por isso, bem andou a Associação Comercial em interessar-se pelo assunto, bem como é digna de aplauso pela sua intervenção na questão das tarifas do ramal de S. Roque e do *tramway* entre Coimbra e Aveiro.

Como se vai vendo, a Associação Comercial, a que preside o sr. José Gonçalves Gamelas, não descura dos seus deveres o que nos é sempre grato registar.

O CUMULO

Foi agora nomeado para o logar vago de oficial do registo civil em Vagos o sr. dr. Nordéste que, no curto espaço de tempo que medeia entre as eleições dos corpos administrativos e a publicação do *Diario do Govêrno* do dia 14, tem ocupado, na sua qualidade de autentico *adesivo*, um tão elevado numero de cargos representativos e rendosos que faz lembrar aquele dito do bispo de Betezaida, Aires de Gouveia: *Quiz ser bacharel e fui doutor; quiz ser doutor e fui lente; quiz ser deputado e fui ministro; quiz ser padre e fui bispo e não sou general porque nunca fui soldado.*

O Nordéste tambem já tem sido tudo: o que tem querido e o que os outros querem que ele seja... por conveniencias...

Continuando

Meu amigo

Leio com intima satisfação no seu apreciavel jornal a noticia de que um dos mais modestos quanto honrados cidadãos aveirenses, o sr. Antonio da Cruz Bento, velho comerciante nesta terra, se afastou do seio de algumas agremiações religiosas, denominadas *confrarias*, por entender que mais proveitoso era dar á verdadeira religião o seu concurso, directamente, por conta e vontade proprias, do que contribuir para o engrandecimento e manutenção do que, na época presente, não corresponde aos fins para que as crearam.

O que se está passando por aí com as réles tricas que esses falsos religiosos cométem é, na realidade, revoltante e iniquo. Mas para quê? Com que fim? Para resultar o facto que se deu com Cruz Bento e para que esses falsos religiosos continuem esfrangalhando as doutrinas de Jesus a que chamam religião *catolica, apostolica, romana*, ainda que o seu fundador nascesse na Judeia e nunca pozésse os pés em Roma?

Continuam os falsos apostolos fazendo da religião a arma dos seus interesses e da sua politica e se presentemente nada resulta mais do que a intrigalhada pifia e repelente que para aí se tem produzido, noutros tempos de tal sistêma, posto ao serviço dos grandes interesses, resultou a guerra dos albigenses, as vesperas sicilianas, os morticinios dos judeus em Lisboa e dos hugnotes em França, os suplicios de Galileu, Joana D'Arc, Giordano Bruno, Savonarola, de la Barre, de Coligny, de Servet, de Antonio José da Silva, Gomes Freire, Ferrer e de tantos milhares de vitimas feitas pelo potro e pelas fogueiras inquisitoriaes.

Ainda sobre esta terrivel instituição, que funcionava em nome de Deus e pelo prestigio e respeito á religião, heide reproduzir no *Democrata*, se o meu amigo me der licença, historicos factos que são pavorosamente aterradores, profunda e infamente repugnantes, praticados, todos eles, em nome de Deus, por sua honra e engrandecimento!!!

Nada bom é o serviço que neste momento tal gente está prestando com os seus miseros expedientes que só tem em vista avolumar malquerenças contra o regimen pois é quanto os preocupa, auxiliada nessas miseras tramoias por alguns que, por sua vez, inculcando-se republicanos, supõem que ao lado dos reaccionarios prestam ás suas paixões politicas um grande beneficio e uma provavel e proxima ascensão ao Poder...

Até o sr. Antonio José de Almeida num dos seus famosos discursos de propaganda politica, pelo Algarve, declarou que uma das causas porque mais mal vista é a lei de Separação, fôra ter ela acabado com a *missa do galo*!!!

Tem vária imprensa registado a curiosa afirmativa e... declaro-o, que, como verdadeira; a respeito e... mais nada. Mais nada por uma cousa muito simples, que o leitor facilmente compreende: isto dito pelo sr. Antonio José de Almeida é para ouvir e... calar. O mais simples comentario tirar-lhe-ia todo o valor porque no ha, afirmo-o, comentario á altura de tão peregrina e estapafurdia declaração. Não ha.

Mas... voltando ao principio destas mal alinhavadas linhas: o gesto do velho e honrado Cruz Bento não agradou aos que pretendem continuar na indigna e vergonhosa taréfa de manter e avivar intrigas com o pretexto

nas festas do culto, procissões e outras espaventosas e ridiculas manifestações religiosas.

Logo o morderam, espalhando, á sucapa, que aquela atitude servia apenas para justificar a economia que dela provinha. Ignoro se esta atoarda caluniosa e baixa chegou aos ouvidos do alvejado, que, para mim, desde bem tenra edade, sempre ouvi apontar como possuidor dum generoso coração, acudindo aos seus em horas amargas e a tantos quantos ele podia.

O complemento, porém, da sua atitude evidenciou sobremaneira que não fôra esse o fim pretendido.

Cruz Bento despediu-se dessas confrarias, não para justificar insignificantes economias, mas como protésto contra a fórma vil e impropria ao procedimento desses agrupamentos que a todo o instante desmentem o fim a que se destinam e a obra que visam.

E assim, distribuiu por muitos pobres, cem vezes mais o que poderia dar para essas famosas irmandades!

Estou cérto que o procedimento do velho Cruz Bento será imitado por tantos quantos, como ele, tivérem a clara intuição de que não foi para toda essa farça de baixa intriga, para todo esse estendal de miseria moral, que Cristo morreu, pregado na cruz, na inexcedivel amargura duma agonia medonha!

O facto a que aludo é o principio; os primeiros sintomas da inevitavel consequencia do divorcio profundo entre as doutrinas politico-religiosas do romanismo e as aspirações duma civilisação progressiva, profundamente disciplinada, que falta á egreja, entre nós representada por os que, subjugados e presos se acham não só á sua ignorancia como ainda ao odio que votam ás novas instituições.

E' por isso que, com o decorrer do tempo, o catolicismo tem que perder o maior numero dos seus adeptos de qualidade, se é que ainda os não perdeu todos. Dentro de curto lapso ele não contará no seu seio nem os fortes, nem os sãos, nem tão pouco os estudiosos e inteligentes. Todos esses se afastarão deixando só ficar junto da falsa egreja os fracos, os ignorantes e os servís. Essa egreja que não sabe viver nem quer viver com o seu tempo. E isto que eu hoje digo confessam-no os proprios escritores catolicos, que, alheios ao sectarismo reaccionario, como o professor Baudrillart, indicam os perigos que para a egreja resultam de tal orientação. *Ha uma grande ilusão*—escreve ele—*em supor que é possivel conservar a direcção das almas, quer dizer, a dos corações e das vontades quando se perdeu a dos espiritos... Apesar das aparencias contraditorias, são as ideias que guiam o mundo, quando mesmo elas se dissimulam sob os sentimentos, os prejuizos ou as paixões. O homem inteligente* (e nisto está o seu titulo de honra) *age em virtude daquilo que ele crê verdadeiro. Eis porque toda a regra de vida que não repousa sobre uma doutrina, está fatalmente condenada a tornar-se ineficaz. Basta lançar os olhos sobre a carta do mundo para nos assegurarmos que por toda a parte onde a religião perdeu o contacto com o pensamento vivo e os meios intelectuaes da sociedade, a sua influencia não subsiste, mesmo nas classes populares, senão quando mergulhada na ignorancia. Posto que a religião corresponda em nós a muitas outras necessidades alheias ás intelectuaes, se nos colocam na colisão de escolher entre a fé e aquilo que firmemente acreditamos ser a sciencia, sábios ou homens do povo semi-cultos, inclinamo-nos para a sciencia,*

Não ha que vêr—são as ideias generosas, boas e alevantadas que guiam o mundo, guiando os homens.

E desta verdade resultou o caso escolhido para assempto da presente carta, caso que se hade multiplicar, cremo-lo, como uma consequencia natural e logica de toda a podridão que se pretende encobrir com opas ou os habitos que algumas vezes as substituem...

S. M. J.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Manejos monarquicos

CONSPIRA-SE?

Pelo relato do *Mundo*, que abaixo reproduzimos, é mais que certo haver novos entendimentos para uma intentona que tenha por fim derrubar a Republica. Nós acreditamol-o piamente. Mas dado o aparecimento duma carta na *Nação*, firmada pelo advogado aveirense, Jaime Duarte Silva, em que ele nega que se tivesse reunido para outra coisa que não fosse concertar com Homero de Lencastre a sua defêsa, visto ter de responder ainda no tribunal de guerra como implicado nos acontecimentos de 21 de Outubro, não será licita a pergunta—Conspira-se? — atenta a *vêrdade* que o citado individuo usa ao responsabilisar se pelos seus actos?

Nós, francamente, á vista dessa carta quasi que não acreditamos já em *paivantes* ou que haja quem, pela extinta monarquia dos adeantamentos e do Credito Predial, quebre lanças até ao ponto de a pretender restaurar. Nada; o que o *Mundo* afirma deve ser falso ou pelo menos exagerado porque Jaime Silva é incapaz de dizer uma coisa por outra, mórmente sobre conspirações, em que *nunca* entrou...

Vão ouvindo os republicanos:

A' reunião no Porto assistem Homero de Lencastre, um graduado conspirador de Aveiro e duas senhoras

Em uma quinta proxima do Porto deu-se ha dias uma reunião de elementos monarquicos. Eram onze os conjurados e, entre estes, dois do sexo feminino. São conhecidos e confessos conspiradores alguns dos homens que nessa reunião tomaram parte. Menos conhecidas, porém, as duas ferozes *talassinhas*, uma das quaes assomou, por vezes, grande calor na discussão. Aos trabalhos presidiu um graduado conspirador de Aveiro, que já esteve preso, foi julgado e gosou da generosa amnistia amplamente concedida... em homenagem á pacificação da familia portuguêsa. Homero de Lencastre, o famoso Homero que dos monarquicos sofreu o mais rude e violento ataque, e agora por eles voltou a ser aproveitado, apareceu ali tambem, e, após a reunião, saíu em direcção a Caminha, atravessou para Espanha e seguiu para Madrid em missão especial. Dos trabalhos dessa reunião tambem foi devidamente inteirado, por dois emissarios, o director do *Dia*, Moreira de Almeida, que se encontrava no Porto, em companhia de seu filho, mas que, por precaução, ou melhor com medo de voltar a ser apanhado, ali não compareceu. E já agora mais um pormenor, para que os maus ou os incredulos não se persuadam de que romantizamos: o local onde se efectuou a reunião denomina se a *Quinta de Esmeriz* e é situada em Valbom.

Na reunião em Lisboa manifesta-se dissenções por causa da escolha do novo monarca

Quasi pela mesma ocasião dava-se em Lisboa, ali para o lado ocidental da cidade, uma outra reunião de conspiradores, esta, porém, muito mais concorrida, tendo a presidi-la um graduado magnate do movimento conspiratorio do Porto, que se encontra igualmente no goso da amnistia, sem aliás ter sido submetido a julgamento. A discussão correu acêsa, agitadissima, sobretudo na altura em que era necessario assentar na escolha do monarca que deveria ocupar o trôno de Portugal. Foi tremendo o debate, extremando-se a assembleia em tres campos. Um deles preconizava a conveniencia de entregar os destinos da nação ao principe D. Duarte, filho de D. Miguel; outro queria á viva força que tal convite fosse dirigido a um principe da casa inglêsa, cujo nome já tem aparecido citado em identicos projectos de restauração monarquica; outra ainda pronunciava-se por um membro da familia real italiana, que usa o titulo de duque. No *Manuelzinho* ninguem se atreveu a falar. Está absolutamente votado ás féras pelos seus antigos aulicos. E por serem irredutivelmente discordes as opiniões dos assistentes e por tal modo se tornarem vivas as desinteligencias sobre a escolha do novo rei alguns dos principaes elementos monarquicos presentes a essa reunião, e que a anteriores movimentos haviam prestado a sua decidida colaboração, abandonaram a sala da conjura, resolvendo abster se de qualquer acção.

Conferencia

Na vasta sala ocupada pela Associação dos Construtores Civis, realisou na terça-feira, pelas 20 horas, uma palestra sobre o movimento operario associativo, o conhecido propagandista Carlos Rates, que nos dizem ter falado com a maior correcção, colhendo fartos aplausos.

Por esquecimento não fômos ouvil-o o que nos impéde de dar uma noticia mais circunstanciada da missão de propaganda que aqui o trouxe.

Junta Geral do Distrito

Na reunião de sabado da comissão executiva da Junta Geral, presidida pelo sr. dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro e com a assistencia dos vogaes dr. Samuel Maia e Elisio Feio, após a leitura e aprovação da acta da sessão anterior, tomou-se conhecimento da balancête do tesoureiro que acusava um saldo de 609$54 assim como de vária correspondencia a que foi dada o destino conveniente.

Foram deferidos dois requerimentos para a entrada no asilo de egual numero de creanças na altura em que se dê vaga nos concelhos a que pertencem.

Aprovou as contas das irmandades de N. S. do Rosario, da freguezia de Esmoriz, concelho de Ovar; do Santissimo, da freguezia de Moldes, concelho de Arouca; do Santissimo Sacramento, da freguezia do Souto, das Almas, da mesma freguezia, de S. Francisco de Assis, da freguezia de Lourosa, do Santissimo, da freguezia de Fiães, tódas do concelho da Vila da Feira; do Santissimo, da freguezia do Espinhal e de N. S. da Conceição da Arrancada, freguezia de Valongo e Almas do concelho de Agueda, autorisando, por fim, diversos pagamentos na imporcia de 334$94.

Feira de Março

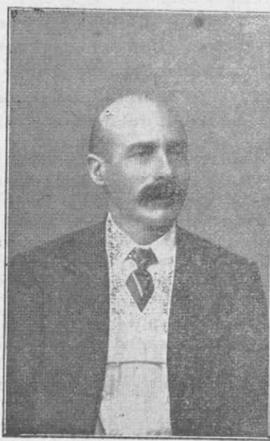
Estão de abalada os concorrentes a este mercado anual muitos dos quaes fizeram bom negocio, retirando satisfeitos.

E' que houve dias de extraordinaria afluencia de compradores e importantes transações.

J. J. NUNES DA SILVA

Dentre os numerosos amigos que *O Democrata* conta, dentre aqueles mesmo que mais dedicados lhe tem sido, cértamentê que não podemos deixar de destacar um dos principaes e que se chama João José Nunes da Silva.

Um dia—não nos lembra agora ha quantos anos isto lá vai—Nunes da Silva, que então se encontrava em Cacia, sua terra adotiva, procurou-nos porque—dizia ele—não queria voltar ao Brazil, donde tinha regressado, sem primeiro conhecer pessoalmente o director do jornal que tanto se coadunava com as suas ideias liberaes e com tanto desassombro defendia os principios republicanos pelos quaes se vinha interessando com o natural e veemente entusiasmo que lhe despertava tudo quanto dissésse respeito á transformação politica do seu país.

Datam, portanto, dessa época as nossas relações com Nunes da Silva que o mesmo é dizer que surgiram da sua primeira visita á redacção do *Democrata* os muitos, valiosos e desinteressados serviços que lhe tem prestado no Pará, onde se encontra e é geralmente estimado quer entre a colonia portuguêsa, de que faz parte, quer no seio dos naturaes que, como nós, avaliam o caracter do nosso estimavel amigo e compatriota pelo animo, valor, sofrimento, firmêsa e vigor que teem sido, alem doutras qualidades, as caracteristicas de Nunes da Silva longe da sua Patria.

Mas ha mais: Nunes da Silva não é credor da nossa simpatía só por aquilo que em beneficio do *Democrata* tem feito, posto que isso seja bastante e mereça o nosso reconhecimento. A acrescentar á propaganda deste jornal lá fóra temos ainda os trabalhos em que andou empenhado com outros portuguêses de rija tempera para a fundação do *Centro Republicano Português no Pará*, num periodo dos mais agitados por que passou a politica antes da proclamação do novo regimen e quando a colonia do Brazil se achava profundamente dividida, degladiando-se, até, com verdadeiro aprazimento dos monarquicos, que eram quem fomentava essa desordem. Pois o Centro fundou-se e lá encontrâmos, como vice-presidente da sua primeira direcção, a J. J. Nunes da Silva, cujo nome anda ainda ligado á *Beneficente Portuguêsa*, associação de incontestavel utilidade, e a tantas e variadas manifestações de caracter patriotico, como sejam subscrições, mensagens, festas republicanas, etc., etc.

Ao esforço de Nunes da Silva deve ainda a freguezia de Cacia os candieiros para a iluminação pública, adquiridos por meio de subscrição e outros melhoramentos locaes, sendo tambem um assiduo colaborador de vários periodicos onde os seus escritos se destacam pelo cunho acentuadamente democratico e regionalista que os inspira.

Este jornal é, porém, de todos, aquele a que o nosso presado amigo dá a preferencia, não exagerando se dissérmos que nos faltam neste momento palavras de gratidão para agradecer a esse velho republicano tudo quanto por ele tem feito, inclusivamente as provas de solidariedade dispensada ao seu director nos ultimos tempos.

Pintura a oleo

Vimos um dia destes alguns novos quadros a oleo, primoroso trabalho artistico da sr.ª D. Alda do Empirio Fernandes Pereira, socia da Academia das Belas Artes de Lisboa e que se destinam a uma exposição que dentro em bréve vai ser inaugurada naquéla cidade.

Qualquer deles faz honra, pela natural impressão que imprimem dos objectos representados, á distintissima aveirense, filha do antigo professor do liceu, nosso presado amigo, sr. dr. Elias Pereira, que digna se torna dos maiores encomios em presença dos seus ultimos trabalhos reveladores duma compleição artistica pouco vulgar no acanhado meio em que vivemos.

A reacção em fóco

Informam-nos que numa egreja onde não é usual comemorar-se as festas da paixão, houve este ano as cerimonias liturgicas da Semana Santa com a assistencia da talassaria indigena representada pelos seus mais graduados adéptos, metendo anjos, marmanjos, querubins e serafins... Escusado será dizer que se de tal soubessemos a tempo lá estariamos caídos não só para vêr bem de perto as tocantes fisionomias dos assistentes, entre os quaes por certo deveria contar-se aquele *terceiro* que ha muito tem o seu nome ligado a páteticas scenas de luxurioso.. misticismo com as santas que enfileiram na procissão da Cinza, mas ainda para ouvir a substanciosa e mordente oração proferida, segundo nos informam, por uma das mais lidimas e brilhantes cólunas da egreja cá do burgo. Não podendo dizer que a Republica o tivesse ferido nos seus interesses por qualquer fórma, deixou, todavia, mostrar bem a maneira como lhe pretendia morder se não estivesse amarrado tão curto...

Alguem comentou o *formidavel* discurso éxclamando:—pois sim; já em tempos afirmaste que não o querias—*nem por um porco*—e afinal gramaste-o como... manteiga!...

Si no és vero és bene trovato...

Fuga dum preso

Da cadeia da Relação do Porto conseguiu safar-se no domingo ultimo o recluso Julio Nunes Carrancho, natural da freguezia de Nariz, concelho de Aveiro, que tinha em breve de responder por crime de furto no tribunal desta comarca em que se achava pronunciado.

O Julio Carrancho combinou para isso com o seu colega Antonio Teixeira, que nesse dia acabava o tempo de prisão, a declinar na secretaría a identidade deste quando fosse chamado, servindo-lhe esse estratagêma para se pôr a salvo não sem que o Teixeira depois reclamasse persuadido de que assim recuperaria tambem a liberdade, no que redondamente se enganou.

As autoridades procuram agora o Carrancho não tendo, porém, até hoje, conseguido deitar-lhe a mão.

Notas mundanas

Consorciou-se no domingo com o fotografo João Nunes Ferreira Ramos, a menina Maria Ferreira Borralho, filha do nosso amigo sr. Manuel Ferreira Borralho, abastado lavrador das Aradas, e que era uma das mais gentis tricaninhas do logar.

Muitas felicidades.

= *Tem estado doente o sr. José Antonio Cidraes, inspector dos serviços telegrafo-postaes, a quem desejâmos rapidas melhoras.*

= *Recebemos noticias do nosso conterraneo e amigo, Luiz Lopes, que a bordo do* Cap Trafalgar *se dirige ao Rio de Janeiro. Segue de perfeita saude, o que deveras estimâmos.*

= *Fez anos no dia 10 a menina Maria da Luz Peixinho Neto, interessante filha do sr. José Rei, de Aradas, por cujo motivo a felicitâmos.*

= *Estivéram nesta cidade os srs. dr. Abilio Marques, medico na Costa do Valado; João Gomes Soares, de Alquerubim; Francisco dos Santos Victor, notario em Vieira do Minho e irmão; João da Silva Henriques, de Veiros e dr. José Nogueira Lemos, administrador do concelho de Albergaria-a-Velha.*

= *Tem estado gravemente enfermo na sua casa de Ilhavo, o sr. José Tavares, pae do nosso presado amigo dr. Samuel Maia.*

= *Deu no sábado á luz uma menina, a esposa do sr. Pompeu da Costa Fereira, proprietario do estabelecimento de modas* A Elegante.

= *Com a gentil professora, D. Gloria Teixeira da Costa, consorciou-se ha dias o sr. Manuel da Luz Lemos, empregado nos correios e telegrafos désta cidade.*

"MINHA TERRA,,

Gentilmente oferecido pelo seu autor, o sr. Santos Luz, arquivista do Directorio Republicano, recebemos ha dias um pequeno volume de versos com o titulo que nos serve de epigrafe. O sr. Santos Luz tem-se evidenciado como um dos mais fecundos e mimosos poetas, cujo nome anda ligado já a outras belas produções como sejam os *Sonetos de Paixão*, *Cantigas da Minha-Terra*, *Mundo Interior*, etc.

Em todas as suas produções tem o sr. Santos Luz evidenciado duma maneira inconfundivel que lhe não falta imaginação e colorido, dispondo duma rima espontanea juntamente com uma vibrante nota de amor patrio e completa sedução por tudo que é grande e belo.

No ultimo trabalho a que aludimos, resulta da sua leitura, toda emoldurada num doce lirismo, que nos traz ao espirito a mais suave impressão, a contrariedade de... que ele seja tão curto, dentro das suas pequeninas 72 paginas.

Muito obrigados pela delicadeza da oferta.

MANIFESTO

AO POVO REPUBLICANO

Por deliberação tomada em assembleia conjuncta, no dia 2 do corrente, resolveram as Comissões Politicas do Partido Republicano Português, em Braga, dar por terminadas as suas funcções, e tornar publica a *moção de ordem* com que fundamentaram essa resolução.

E', pois, uma justificação que se faz perante o povo republicano dando publicidade aos parcimoniosos *considerandos* que se seguem. Quer dizer: as Comissões Politicas, fartas de justificar a si mesmo a inverosimil situação em que pretendiam colocal-as, para evitar o lance decisivo agora praticado, desejam, ainda, que o País saiba que nem foi falta de compreensão do seu civismo, nem arrefecimento do seu acendrado fervor patriotico e republicano o que inspirou a sua resolução do dia 2: mas sómente o desforço altivo, a resposta consentanea devida á desconsideração sistematica, ao agravo permanente que representava para o brio politico e pessoal de membros das Comissões o predominio oligarchico de variados arrivistas, transmudados em profissionaes politicos para consecução dos seus interesses, senão das suas ambições, uns, para satisfação das suas vaidades, senão dos seus odios, outros! A historia do partido democratico em Braga ha-de fazer-se, e quando a inflexibilidade dos seus conceitos caír, como um anatema, na apreciação dos factos e dos homens, o documento que se segue será para isso um valioso se bem que incompleto subsidio. Até lá, porém, o juizo dos homens será implacavel para registrar as fases contristadoras da derrocada que a maldade de alguns com a cumplicidade de muitos preparou em Braga ao Partido que gloriosamente e honrosamente as Comissões representavam oficialmente.

Viva a Patria!
Viva a Republica!

MOÇÃO DE ORDEM

«As Comissões Municipal e Paroquiaes Politicas do Partido Republicano Português da cidade de Braga, reunidas em assembleia conjuncta para apreciarem as suas funcções em face da conducta de elementos preponderantes locaes e do Directorio do Partido, conscias do cumprimento dos seus deveres e da respectiva Lei organica:

Considerando, que sendo de ha muito do conhecimento do Directorio do Partido Republicano Português a existencia de um grupo de correligionarios perturbadores da harmonia, da ordem e dos trabalhos do Partido nésta cidade, esse grupo tem obtido das estancias competentes condições de luctar contra as Comissões legalmente constituidas;

Considerando, que as manifestações hostis desse grupo se praticaram especialmente por ocasião das eleições paroquiaes com a cooperação de elementos graduados do Partido e das autoridades, contra toda a disciplina partidaria;

Considerando que o jornal *Imparcial*, de que são colaboradores alguns deputados democraticos e vários membros do referido grupo, vem, sem o menor embargo do Directorio e dos elementos de categoria em evidencia dentro do Partido ridicularisando em linguagem despejada os trabalhos das Comissões e ofendendo os seus membros individual e colectivamente;

Considerando que a falta de observancia pelo Directorio, do estatuido nos paragrafos 11 e 12 do artigo 36 da Lei Organica do partido dificultava a acção politica das Comissões concorrendo, assim, para as hostilidades dos correligionarios indisciplinados se acumularem;

Considerando, que apesar das victorias alcançadas nas Juntas de Paroquias, na Mesa do Senado e na sua Comissão Executiva pelas Comissões legalmente constituidas, as hostilidades e desconsiderações mais se agravaram;

Considerando que os esforços das Comissões para a estricta observancia dos principios fundamentaes do Partido Republicano Português, especialmente descentralisando poderes e conferindo aspirações de administração local resultaram inuteis perante a regeição de indicações para a nomeação de autoridades locaes com manifesta desatenção para as Comissões e desconsideração para esta cidade;

Considerando que os agravos dirigidos sistematicamente ás comissões arrastaram o desanimo a grande numero dos seus membros, prejudicando a unidade até então mantida e indispensavel para o exito da sua acção politica;

Considerando que em face dos factos enumerados, os trabalhos de propaganda e defêsa dos principios democraticos, dedicadamente postos em pratica pelas Comissões, resultam estereis e inuteis;

Considerando, finalmente, por tudo o que fica exposto, que as Comissões Municipal e Paroquiaes não pódem, sem qnebra da sua dignidade, continuar a exercer as suas funcções sob a evidente preponderancia da supremacia individual sobre a supremacia colectiva, negação dos mais rudimentares principios democraticos, resolvem dissolver-se e dar parte désta deliberação ao Directorio.

Braga, 2 de Abril de 1914.

Tal como em Braga sucéde em Aveiro onde até parece que não existem comissões republicanas desde que o escalracho entrou no glorioso partido, minando-o, para o corromper, empestando-o, contaminando-o para o enxovalhar.

O que acaba de acontecer em Braga é a consequencia logica do sem numero de agravos e desconsiderações de que estão sendo alvo por toda a parte os velhos, os dedicados, os sinceros republicanos. Porque é preciso dizer-se alto e bem som para que tenha a devida repercussão: não são só os republicanos de Braga que se queixam. O que lá se tem dado ultimamente, tudo quanto neste manifesto se diz com verdadeiro desassombro e altivez, sentimo-lo nós, sentem-no por esse país fóra todos quantos se sacrificaram e sofreram esperançados na modificação politica que consigo traria o advento da Republica caso as ambições, o sordido interesse de muitos, porventura a vaidade de alguns, os não levasse a transigir com toda a casta de pulhas, que são a vergonha, sem deixar de ser um perigo para as instituições, dos partidos em que por interesse pessoal, e só por isso, se acham filiados.

Bem sabemos que se ámanhã, por exemplo, em Aveiro, as comissões do Partido Republicano Português fizéssem o mesmo que as de Braga não faltaria quem lhe atribuisse *falta de disciplina partidaria*, desvirtuando as mais puras intenções dos seus membros, e acrescentasse ainda que era esse o caminho que tinha a seguir o *reduzido grupo que tão mal compreendia a sua missão politica!...*

Parece até que estâmos a ouvir daqui os *pardos* da Vera-Cruz a rosnar infamias no *Camaleão*, eles que para servirem os seus exclusivos interesses tanto teem dito e dizem dos que, fieis aos seus principios de rectidão e justiça, se não deixam corromper, nem avassalar para não serem cumplices das imoralidades a toda a hora postas em prática pela ascorosa orda de pantomimeiros.

Do que essa gente é capaz, sabemo-lo nós como, de resto, o sabe Aveiro em peso. Do que não eram conhecedores era da existencia, em Braga, de outros que taes e que as comissões demissionarias brilhantemente desmascaram num gesto de repulsão que só as enobrece, dignificando a Republica.

UMA PENDENCIA

Déram conta alguns jornaes dum caso de honra em que se acha envolvido o advogado desta cidade, dr. Jaime Duarte Silva, que, em resumo, póde ser assim relatado:

Tendo Jaime Silva, implicado nos acontecimentos de 21 de outubro, afirmado perante o tribunal militar, que o sr. dr. João Eloi, inspector da policia judiciaria do Porto, havia falsificado uns documentos que lhe eram atribuidos, este ultimo nomeou suas testemunhas os srs. tenente Julio Ferreira da Silva Alegria e dr. Luiz Moreira de Sousa, para exigir do dr. Jaime Silva uma retratação ou reparação pelas armas. Para se entenderem com as testemunhas do sr. dr. João Eloi, nomeou Jaime Silva os srs. dr. Gaspar de Abreu e D. Luiz Pizarro, depois de ter esclarecido, em carta, que as acusações que fizéra eram já do dominio publico, tendo sido publicadas nos jornaes sob a responsabilidade de Homero de Lencastre e Belmiro Vidal, agentes do ofendido.

Reunidas as testemunhas das duas partes, não chegaram a acordo, por entenderem as do dr. Jaime Duarte Silva que não havia motivo para seguir a pendencia, e serem as outras de opinião que a pendencia tinha de seguir, muito embora ficasse a sequencia das negociações para depois de ter respondido em juizo o sr. Jaime Silva, resolvendo-se, por isso, em nova reunião, nomear, como arbitros, os srs. dr. Francisco Joaquim Fernandes, pelo ofensor, e capitão Antonio Maria de Freitas Soares, pelo ofendido.

Em reunião conjunta dos arbitros e testemunhas, realisada no dia 7, foi o assunto largamente debatido, chegando-se á seguinte conclusão: A pendencia não deve seguir, porque assim se coartariam os meios de defêsa do dr. Jaime Silva, e, por isso, resolveu-se que ela só tivésse seguimento quando este, absolvido no procésso de rebelião, não siga com a acusação contra o sr. dr. João Eloi pelos meios competentes, ou esta não seja dada como provada, devendo, porém, neste caso, este senhor demitir-se préviamente do lugar que ocupa de inspector da policia judiciaria.

Em virtude da decisão dos arbitros, as testemunhas resolveram dar por finda a sua missão, dando plena liberdade aos seus constituintes para procederem conforme as circunstancias que a mesma decisão prevê e fixa.

A' vista do exposto não temos nós mais do que aguardar tambem o desfecho da questão, que duplamente nos interessa e hade servir, no futuro, como precioso elemento quando se fizer a historia politica desta terra a que ora anda ligado o nome do ex-caudilho republicano da rua do Sol.

Em Vagos

Um administrador que não cumpre os seus deveres

Com estes titulo e subtitulo o *Mundo* do ultimo sabado inseria na secção telegrafica as seguintes linhas:

> «Ha grande descontenta no povo de Vagos por o administrador não cumprir os deveres do seu cargo. Além de ter cometido dislates que prejudicaram a politica democratica, o administrador calca a lei, não residindo no concelho e vindo a Vagos quando lhe apetece, situação a que o governador civil deverá pôr termo, a fim de evitar o escandaloso procedimento, alteração da ordem publica e intervenção da câmara municipal.»

Sobre o mesmo assunto já o *Democrata* tambem falou sem que contudo fosse ouvido. E' que entendemos que os republicanos devem dar o exemplo da moralidade não transformando os empregos em conesias, como antigamente se fazia com manifesto prejuizo do Estado e dos serviços publicos.

Que o sr. administrador de Vagos vá, pois, para o seu logar e lá se conserve. De contrario, temos muita pena, mas volveremos a importunar o chefe superior do distrito para que a situação da autoridade administrativa que não cumpre os deveres do seu cargo seja regulada em harmonia com a moralidade da Republica.

Colhidos pelo comboio

Proximo do apeadeiro de Cacia foi encontrado no sábado o cadaver dum individuo que se supõe tivesse sido colhido por um comboio *tramway*, o que as autoridades tratam de averiguar.

Foi levantado o competente auto e o corpo do infeliz removido para o cemiterio da freguezia, onde já se acha sepultado.

*

Tambem no mesmo dia foi vitimado pelo *rapido* quando atravessava a linha ferrea, no passo do nivel de Arnelas, o marnoto désta cidade, José Saramago, de 60 anos, casado e morador no bairro piscatorio.

O desastre produziu funda impressão entre os colégas e amigos do desventurado velho.

REPRISE

Saíu na quarta-feira, processionalmente, da egreja de S. Domingos, o *sagrado viatico* a uma enferma, constando-nos que o mesmo acontecerá no proximo domingo, caso não surjam complicações eguaes áquelas que dividiram os festeiros da semana santa, tornando-os irredutiveis.

Como consequencia da *aclamação* que estâmos gosando, achamos bem... O *Divino Pae* precisa assoalhado, precisa...

ANONIMOS

Não é norma deste jornal publicar escritos sem saber, pelo menos, o nome dos seus autores quer esses escritos sejam artigos ou simples correspondencias.

Ficam assim de novo avisados os que teem por habito não assinarem o que escrevem.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

ABRIL

DIAS	PHARMACIAS
19	LUZ
26	RIBEIRO

CARTA

Sr. redactor

Peço a publicação do seguinte:

Li no seu mui conceituado jornal de 10 do corrente uma carta, na qual o seu signatario o ex-seminarista Antonio Correia Godinho cita o meu nome e faz algumas referencias á minha personalidade, aproveitando-as para a defêsa do professor José Maria Tavares Dias. Lamento muito que o tal professor não tenha coragem de se defender das acusações que lhe têm feito, e que seja obrigado a mendigar a *filosofia barata* e o *chiste vaidoso* do seu muito querido sobrinho, o tal menino Godinho. Responderei a este sr. o seguinte: para a baba peçonhenta que escorre de uma boca gangrenosa, o melhor antiseptico empregado é o *desprêso*.

Muito grato lhe fica pela inserção destas linhas o que se subscreve

De v. etc.

Pinhão, 11 | 4 | 914.

Elmusa

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$500 o vagon.

CORRESPONDENCIAS

Pinhão, O. de Azemeis, 13

Não veio a este lugar fazer a sua visita pascal, o *simpatico* abade de Pindelo, pelo motivo de terem sido afixados manifestos nas portas de diversos moradores, não sei por quem, para que eles se manifestassem, escorraçando-o.

Esses manifestos eram do teor seguinte:

Ao povo de Pinhão

E' a vós dignos e honrados povos désta aldeia, que um grupo de vossos conterraneos, se dirige, pedindo-vos que estejaes álerta, e que nunca vos esqueçaes da soberana autoridade, que sempre vos assiste dentro das paredes da vossa habitação.

Acordae e manejae as vossas armas contra a reacção, que tenta esmagar-vos e usurpar-vos os vossos direitos de cidadãos portuguezes.

Defendei a vossa propriedade, e não permitaes que um bando de corvos se atreva a pairar sobre ela, lançando sobre vós o veneno jesuitico, que tem sido a dissolução da grande familia universal.

Lembrai-vos, que para serdes homens de caracter, não precisaes de receber em vossa casa um padre, que ainda ha dias vos desconsiderou, e esqueceu que sempre viveu do vosso braço, roubando por vezes o pão dos vossos filhos.

Tendes obrigação de escorraçar essa corja, que tenta guardar as costas a um padre parasita e hipocrita como o da freguezia de Pindelo.

A'vante — não temaes, porque a justiça está convosco.

A ferro e fôgo se tanto fôr preciso; e nunca vos esqueçaes que tendes deveres a cumprir.

=Acha-se entre nós o distinto aluno da escola medica do Porto, sr. Manuel Gonçalves de Pinho Rocha.

C.

Requeixo, 13

A gente que compõe a junta de paroquia désta freguezia convenceu o povo ingenuo de que todos os baldios da freguezia vinham a caír nas garras da Câmara Municipal, se a mesma junta não tomasse a **alta** medida de cortar as arvores no terreno de logradouro pertencente ao lugar da Povoa do Valado, facto a que néstas colunas nos temos referido.

Nem toda essa semente deletéria germinou, porém, e os grãos que germinaram é indispensavel destruil-os demonstrando assim que a semente é digna da sua procedencia.

Como já dissémos aqui, inversamente ao que afirma o edital da junta, de 5 de março ultimo, particular algum podia invocar a posse ao terreno.

Com que provar esse direito?

Estamos convencidos que ao benemerito sr. Manuel Francisco Braz, que ofereceu 500 escudos para terraplanagem e arvorisação desse terreno, nunca passou pela mente chamar-lhe seu pelo facto de com êle dispender aquéla importante soma; pertenderia tornal-o seu mediante compra legal se a entidade a quem de direito pertence lh'o quizesse vender. De modo que o procedimento do sr. Braz nada mais teve por fim que não fôsse aformosear o terreno, ao mesmo tempo que praticava um acto que a higiene aconselha.

Por parte da Câmara Municipal parece-nos que não sería éla tão avara, que despoticamente pertendesse adquirir para o municipio um terreno donde não advem interesse material, aquiscendo sómente á vontade do sr. Manuel Francisco Braz e á salubridade publica aconselhada pela natureza do terreno.

Portanto, nem o particular nem a Câmara prevaricaram; quem prevaricou foi a junta de paroquia cortando as arvores ali plantadas que, além das vantagens resultantes do arvoredo tinham por fim tambem glorificar o dia da festa nacional que ensina aos homens de ámanhã o culto sagrado que devemos aos vegetaes.

Deixasse a junta continuar o melhoramento publico, o que lhe não prejudicava o direito ao terreno, se é que o tem, direito que nunca procurámos negar-lhe.

Desrespeitando as arvores infantis desrespeitou a Natureza, procedimento que só inspira tedio e repulsão, tanto mais quanto nos convencemos de que o seu ínqualificavel procedimento foi o incentivo para a destruição das arvores plantadas em terreno pertencente ao logar de Mamodeiro, não se sabendo quem foi o autor ou autores do vandalismo.

E' assim que uma corporação administrativa procede para edificação das gentes!

O fim invocado pela junta no edital a que acima nos reportamos não convence ninguem, a não ser os ingenuos de mais, tão faceis de convencer quanto é justificada a ignorancia duns e o proposito doutros. O que a junta têve por fim foi servir um dos seus vogaes, unico mais interessado na conservação do terreno tal qual estava. Não pódia ser outro o fim.

Abriu-se processo crime contra a junta, segundo nos dizem. Ora... tempo perdido. As senhoras da Paz, do Amparo, do Livramento, dos Perdões; São Cosme e São Torquato, emfim, todos os santos e santas da côrte celestial hão-de interceder por tão devotas criaturas deixando-as em socego, fazendo figas á justiça.

Um caldo de couves roubadas daria condenação mais certa...

Pondo de parte o motivo alegado pela junta na sua dellberação de 4 de março, que outra razão ou motivo dará éla em defêsa do seu procedimento, cortando as arvores?

F.

Alquerubim, 14

O sr. Manuel Maria Amador mandou vir de Lisboa perto de mil medidas de milho argentino para acudir á necessidade. Os pobres não podiam comprar aquêle cereal aos ricos que *já* queriam a um escudo e dez centavos por cada medida de 20 litros.

Foi uma alegria para esta gente!

O sr. Amador costuma todos os anos acudir assim á necessidade dos pobres. O milho custa oitenta e seis centavos cada medida, ou 80 centavos levando 5 medidas.

=O tempo vae pessimo para as sementeiras dos milhos.

C.

Grandes Armazens de Fazendas
A. Santos & C.ª
Rua Mousinho da Silveira angulo da Travessa das Flores
Telephone n.º 803
Endereço Telegraphico: "LIBERTAS"
PORTO
Vendas por junto
Sortido completo de Fazendas Economicas
Especialidade em Pannos Brancos, Morins Inglezes e Pannos Crús.
Lãs, Chitas,
Flanellas, Riscados, Chailes, Lenços, Malhas, Cachenéz e muitos outros artigos
NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO